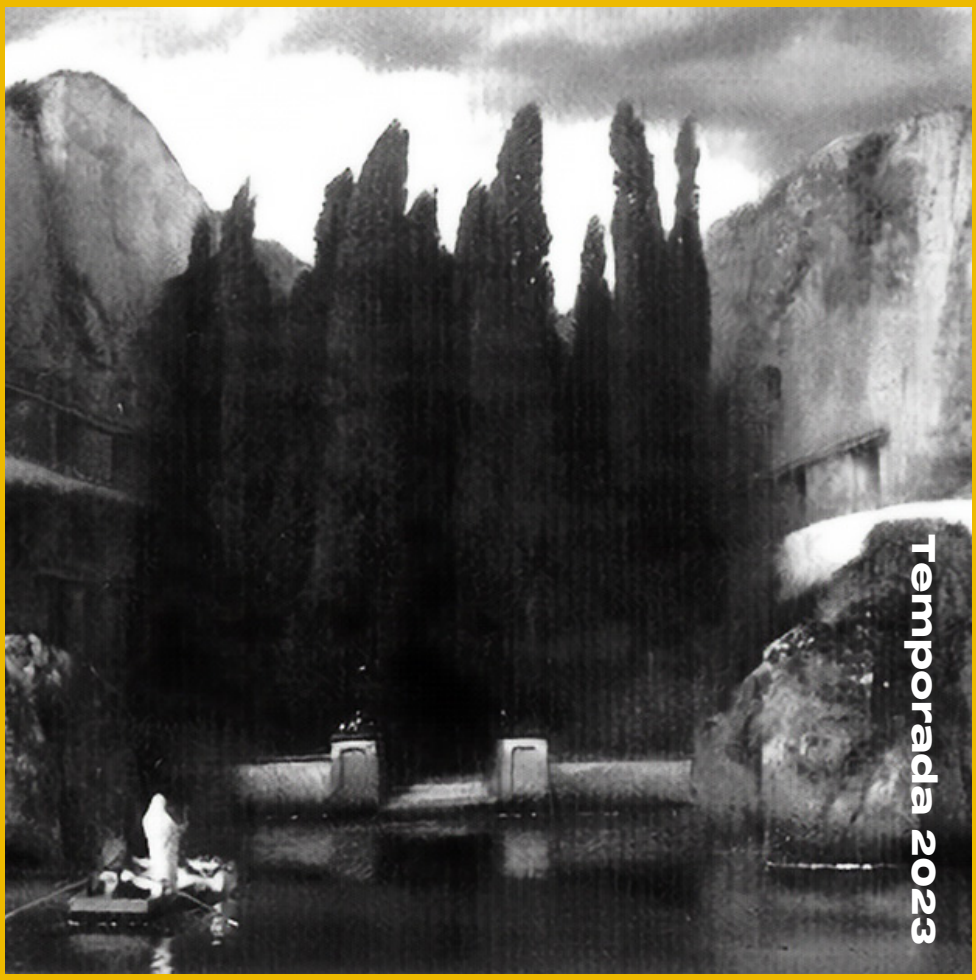
MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO,
POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA,
E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM



OSESP

sem fron— teiras

8, 9 E 10 JUN

8 JUN QUI 20H30
9 JUN SEX 20H30
10 JUN SÁB 16H30

Concerto também transmitido ao vivo gratuitamente em **YOUTUBE.COM/VIDEOSOSESP**

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO — OSESP
DAVID ROBERTSON regente
STEVEN OSBORNE piano

MICHAEL TIPPETT [1905-98]
Concerto para Piano [1953-55]
1. Allegro non troppo
2. Molto lento e tranquillo
3. Vivace

34 min

INTERVALO 20 min

SERGEI RACHMANINOV [1873-1943]
A Ilha dos Mortos, Op. 29 [1908]
20 min

JOHN ADAMS [1947]
Doctor Atomic Symphony [2007]
1. O Laboratório
2. Pânico
3. Trindade

25 min

MICHAEL TIPPETT
Eastcote, Reino Unido, 1905 – Londres, Reino Unido, 1998
Concerto para Piano [1953-55]

Orquestração: 2 flautas, 2 oboés, 2 clarinetes, 2 fagotes, 4 trompas, 2 trompetes, 3 trombones, tuba, tímpanos, celesta, cordas.

Estreia mundial: 2 de fevereiro de 1956, na Royal Festival Hall, em Londres, Reino Unido. O concerto foi regido por John Carewe, com o próprio Michael Tippett como solista.

Tippett concluiu a escrita de seu *Concerto para Piano* em 1955, embora a obra tenha sido concebida quase uma década antes. Nesse ínterim, preocupou-se principalmente com a ópera *The Midsummer Marriage* [As Bodas de Verão], assim, a música da ópera permeia o *concerto* — as expansivas linhas orquestrais, a decoração abundante que faz pulsar a escrita musical e, sobretudo, o uso de uma celesta para inspirar mistério e mágica. Esses atributos afetam tanto sua escrita orquestral quanto a pianística. Pista certeira disso é a parte do piano de seu ciclo de canções *The Heart's Assurance* [A Certeza do Coração], finalizado em 1951, e, em particular, a música que acompanha a letra "nos prados do sopro dela", na terceira canção, que soa como elo direto com as frases de abertura do *concerto*. De resto, sem menosprezar as habilidades adquiridas de escrita da obra, Tippett concentrou-se aqui em sua descoberta de um pianismo cintilante, no qual as harmonias emergem da pedalização de grupos dissemelhantes de notas curtas, como na primeira canção de *The Heart's Assurance*, onde tudo de algum modo flutua entre o essencial e o decorativo. A obra é calma, reconfortante. Clímaces aparentemente iminentes são contornados; parágrafos espaçosos se abrem sobre panoramas amplos e visões minúsculas. Notável a respeito do *concerto* é ele ter sido escrito num momento em que a música europeia parecia rumar para um serialismo ansioso e fragmentado — de onde se deduzia ser de uma irrelevância pitoresca a redefinição de Tippett do estilo pastoral inglês. Temos aqui, contudo, um exemplo de um antídoto oferecido por Tippett ao clima de ameaças e dura austeridade do início dos anos 1950.

O primeiro movimento é uma forma-sonata convencional. A abertura delicada (revivendo o espírito do *Quarto Concerto para Piano* de Beethoven) desabrocha num trecho orquestral que expressa toda a serenidade pastoral do movimento em Lá Bemol; arabescos nas madeiras revelam então o núcleo calmo do movimento, uma "visão minúscula" desvendada pelas violas e trompas com surdina, e pela celesta. Em *The Midsummer Marriage*, Tippett recorrera a um conjunto de instrumentos parecido para evocar as presenças atemporais que se movem além das realidades superficiais da vida. Aqui ele consegue um efeito semelhante de algo misterioso, porém familiar. O encantamento se rompe quando o solista introduz um grupo de ideias e motivos que marca o "segundo tema". A visão retorna inesperadamente no auge do desenvolvimento, logo antes da recapitulação, e novamente no meio da cadência do piano, lembretes imprevisíveis mas reconfortantes de que a visão nunca pode ser perdida. O desenho do movimento é convencional, com uma exceção: a cadência é peculiarmente colocada antes da recapitulação do "segundo tema" e depois de uma segunda seção de desenvolvimento, afrouxando a estrutura formal.

O movimento lento tem afinidades com o *Quarto Concerto* de Beethoven, mas o resultado é novo. Uma visão diferente, densa e perturbadora substitui a serenidade do primeiro movimento, no que parece ser um torneio entre os cânones anônimos nos duos de sopros e as cascatas maníacas no piano, cada qual perseguindo obstinadamente seus caminhos até a resolução da tensão em uma série de trocas entre as densas cordas agudas e o solista, meditativo, que acalma as coisas.

O *finale* surge de uma modulação de Si para Mi Bemol, sugerindo agora a influência do *Quinto Concerto*, "Imperador", de Beethoven. Há outros ecos do *finale* de Beethoven, mas a alegria e o alto astral são de Tippett. O movimento se inicia com uma longa seção puramente orquestral — um contraste à presença quase contínua da sonoridade do piano no movimento precedente — dividida em três partes: uma profusão de pequenos motivos; um tema central que se desenrola a passos largos e flerta com harmonias que lembram o *blues*; uma *codetta* reintroduzindo a celesta. O solista faz uma entrada dramática com um tema todo seu, entrada que se revela o primeiro episódio de um esquema formal cuja seção orquestral seria o tema do rondó, que agora se divide em três partes que são intercaladas com diferentes episódios. O segundo episódio é para piano e orquestra, o terceiro para piano e o último, um duo encantador entre piano e celesta. Tudo que resta, ao final, é o retorno do tema completo do rondó e uma curta *coda*, que leva a música para um jubilante Dó Maior.

Iam Kemp [1931-2011] é Musicólogo e Acadêmico.[1]

Tradução **Catherine Carignan** e **Igor Reyner**.

[1] Nota de Ian Kemp © 2007. Cortesia da Hyperion Records Ltd, London.

SERGEI RACHMANINOV

Oneg, Rússia, 1873 – Beverly Hills, Califórnia, EUA, 1943
A Ilha dos Mortos, Op. 29 [1908]

Orquestração: piccolo, 3 flautas, 3 oboés, corne inglês, 3 clarinetes, clarone, 3 fagotes, contrafagote, 6 trompas, 3 trompetes, 3 trombones, tuba, tímpanos, percussão (bumbo, pratos suspensos), harpa, cordas.

Estreia mundial: 18 de abril de 1909, com a Sociedade Filarmônica de Moscou, regida pelo compositor.

O nome do compositor, pianista e maestro russo Sergei Rachmaninov é frequentemente associado a "romantismo tardio". Se a categoria faz sentido quando se leva em conta o período mais pujante da música romântica, a pecha de anacronismo desconsidera que as inflexões das artes desbordam de quadros fixos para atender às diferentes inclinações dos criadores, realizando uma beleza sem data de vencimento. Rachmaninov não se alinhou entre os compositores de vanguarda do início do século XX: expandiu sua energia romântica, que não era pequena, sem se deixar atrair, por exemplo, pela atonalidade. Seu arrebatamento emocional e seu espírito melancólico, radicalizados por vezes numa mesma peça, compuseram o estilo que lhe possibilitava a expressão desse agudo contraste.

Também as linguagens das diferentes artes, por vezes, não se confinam em si mesmas: procuram-se e tocam-se na busca de uma atuação simbólica para além do próprio código. [...] Foi a representação da morte que causou forte impressão a tantos espectadores (entre eles, Hitler e Freud) num quadro de uma série do pintor suíço Arnold Böcklin [1827-1901], executada entre 1880 e 1886: lá está a imagem de um barco, remado por Caronte, prestes a fazer chegar um morto ao destino final — uma tão bela quanto lúgubre ilha de rochas e ciprestes. A visão desse quadro, numa mostra em Paris, levou Rachmaninov a compor o poema sinfônico *A Ilha dos Mortos* em 1908.

O compositor escreveu a obra como um sugestivo roteiro da última viagem, aberto pelo compassar das resolutas remadas do barqueiro, traduzidas sobretudo nas cordas graves. Esse movimento francamente imitativo expande-se pelos demais instrumentos e se torna referência de fundo, ora incisiva, ora sutil, por vezes dando lugar a cromatismos com tonalidades sentimentais, que vão do patético ao lírico, da gravidade dos súbitos acordes ao devaneio de fugazes linhas melódicas. A estrutura significativa da peça está nesse diálogo dramático entre a regularidade obstinada das "remadas" e a renitente poesia da vida, o "infinito anelo" dos românticos, que aqui parece insistir numa última e lancinante busca de afirmação. A pintura ganha, assim, com a música, mais que timbres e alturas: ganha o andamento cadenciado ou os livres devaneios de uma narrativa musical. Ao final desse poema sinfônico, retorna o movimento dos remos implacáveis, que se vai distanciando até silenciar. O silêncio, aqui, tem foro especial: surge como materialização mesma do fim da última viagem. Convém ouvi-lo, antes de aplaudir.

Alcides Villaça é Professor de literatura brasileira da USP, crítico literário e ensaísta, e é autor, entre outros livros, de *Passos de Drummond* (Cosac Naify, 2006).

JOHN ADAMS

Worcester, Massachusetts, EUA, 1947
Doctor Atomic Symphony [2007]

Orquestração: piccolo, 3 flautas, 2 clarinetes, 2 fagotes, 4 trompas, 3 trompetes, 3 trombones, tuba, harpa, tímpanos, percussão (crotales, carrilhões, tarol, placa de trovão, xilofone, bumbo, 2 tambores de tonalidade, 2 pratos suspensos, gongos), cordas.

Estreia mundial: A obra foi estreada pela Orquestra Sinfônica da BBC regida pelo próprio compositor, em 21 de agosto de 2007, no Royal Albert Hall, em Londres.

A sinfonia é moldada como um único e prolongado movimento de 25 minutos, não muito diferente da *Sétima Sinfonia* de Sibelius, obra que teve profundo efeito sobre o pensamento composicional de Adams. A abertura, com seu tímpano pujante e abrasivas fanfarras ao estilo de [Edgard] Varèse nos metais, conjura uma paisagem devastada por uma explosão nuclear. A frenética "música de pânico" que se segue é proveniente de um dos quadros febris do "Segundo Ato" [da ópera homônima] que evocam a virulenta tempestade elétrica que fustigara o campo de teste horas antes da detonação da bomba. A música subsequente deriva dos momentos que descrevem a intensa atividade que antecede o teste. Ouve-se o general do exército estadunidense Leslie Groves, representado por uma música grosseira no trombone, repreender tanto os cientistas quanto seus subordinados militares; a música dá lugar à ritualística "dança do milho" dos indígenas Tewa daquele local. A sinfonia se encerra com o tratamento instrumental de um dos momentos mais memoráveis da ópera, um arranjo (originalmente para barítono, mas aqui executado pelo trompete solo) de "Batter my heart, three person'd God" [Meu coração, Deus trino, surrai], um dos *Holy Sonnets* [Sonetos Sacros] de John Donne. Esse é o poema que o físico-herói da ópera, J. Robert Oppenheimer, amava e que o inspirou a nomear o campo de teste no meio do deserto de "Trinity" [Trindade].

Tradução: **Igor Reyner.**

[Nota de programa reproduzida com gentil permissão de Boosey & Hawkes.]

Nota de programa disponível no site da Boosey & Hawkes: https://www.boosey.com/pages/cr/catalogue/cat_detail?=&musicid=49187&langid=1.

©MARIANA GARCIA

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo

Fundada em 1954, desde 2005 é administrada pela Fundação Osesp. Thierry Fischer tornou-se Diretor Musical e Regente Titular em 2020, tendo sido precedido, de 2012 a 2019, por Marin Alsop, que agora é Regente de Honra. Seus antecessores foram Yan Pascal Tortelier, John Neschling, Eleazar de Carvalho, Bruno Roccella e Souza Lima. Em 2016, a Orquestra esteve nos principais festivais da Europa e, em 2019, realizou turnê na China. Em 2018, a gravação das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtchevsky, recebeu o Grande Prêmio da Revista Concerto e o Prêmio da Música Brasileira. Em outubro de 2022, a Osesp — Orquestra e Coro — estreou no Carnegie Hall, em Nova York, realizando dois programas — o primeiro como convidada da série oficial de assinaturas da casa, o segundo com o elogiado projeto "Floresta Villa-Lobos".

©CHRIS LEE

DAVID ROBERTSON REGENTE

O regente e compositor americano atuou como Regente Titular e Diretor Artístico em importantes orquestras, como a Sinfônica de Sydney, a Sinfônica de St. Louis, a Nacional de Lyon, a Sinfônica da BBC e o Ensemble InterContemporain (Paris), tendo se apresentado com algumas das maiores orquestras do mundo, como as Filarmônicas de Nova York, Los Angeles e Viena e a Royal Concertgebouw (Amsterdam). Desde sua estreia no Metropolitan Opera, em 1996, Robertson regeu uma ampla variedade de projetos, incluindo a produção de estreia da Temporada 2019-20 de *Porgy and Bess*, pela qual recebeu um Grammy. Em 2022, fez sua estreia na Ópera de Roma regendo *Káťa Kabanová*, de Janácek. É Cavaleiro da Ordem das Letras e das Artes da França. David Robertson é membro do Conselho Consultivo da Tianjin Juilliard (China) e Diretor de Estudos de Regência da The Juilliard School, em Nova York. Foi o regente da estreia nos EUA de *Doctor Atomic*, de John Adams, em 2008.

©BEN EALOVEGA

STEVEN OSBORNE PIANO

Vencedor do prêmio de Instrumentista do Ano da Royal Philharmonic Society, em 2013, o pianista Steven Osborne é um dos músicos mais admirados da Grã-Bretanha. Foi músico residente na Wigmore Hall, em Londres, no Festival Internacional de Música de Bath, na Orquestra Sinfônica de Birmingham e na Orquestra Nacional Real Escocesa. Outros destaques orquestrais desta nova temporada incluem mais Beethoven e Mozart com a Orquestra Sinfônica da Rádio Finlandesa e com a Orquestra Nacional da BBC do País de Gales, assim como Ravel com a Filarmônica da BBC e Brahms com a Orquestra Sinfônica de Antuérpia. Como artista do selo Hyperion desde 1998, suas gravações acumularam numerosos prêmios no Reino Unido, França, Alemanha e Estados Unidos, incluindo dois Gramophone. Em seu quarto concerto na Série Internacional de Piano na Royal Festival Hall, Osborne tocará *Vingt regards sur l'enfant-Jésus* de Messiaen, obra que gravou em 2002 e que também apresentará na Sala São Paulo.

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo — Osesp

DIRETOR MUSICAL E REGENTE TITULAR
THIERRY FISCHER

VIOLINOS
EMMANUELE BALDINI SPALLA
DAVI GRATON
SOLISTA — PRIMEIROS VIOLINOS
YURIY RAKEVICH
SOLISTA — PRIMEIROS VIOLINOS
ADRIAN PETRUTIU
SOLISTA — SEGUNDOS VIOLINOS
LEV VEKSLER*
SOLISTA — SEGUNDOS VIOLINOS | EMÉRITO
IGOR SARUDIANSKY
CONCERTINO — PRIMEIROS VIOLINOS
MATTHEW THORPE
CONCERTINO — SEGUNDOS VIOLINOS
ALEXEY CHASHNIKOV
AMANDA MARTINS
ANDERSON FARINELLI
ANDREAS UHLEMANN
CAMILA YASUDA
CAROLINA KLIEMANN
CÉSAR A. MIRANDA
CRISTIAN SANDU
DÉBORAH SANTOS
ELENA KLEMENTIEVA
ELINA SURIS
FLORIAN CRISTEA
GHEORGHE VOICU
INNA MELTSER
IRINA KODIN
KATIA SPÁSSOVA
LEANDRO DIAS
MARCIO KIM
PAULO PASCHOAL
RODOLFO LOTA
SORAYA LANDIM
SUNG-EUN CHO
SVETLANA TERESHKOVA
TATIANA VINOGRADOVA

VIOLAS
HORÁCIO SCHAEFER SOLISTA | EMÉRITO
MARIA ANGÉLICA CAMERON CONCERTINO
PETER PAS CONCERTINO
ANDRÉ RODRIGUES
ANDRÉS LEPAGE
DAVID MARQUES SILVA
ÉDERSON FERNANDES
GALINA RAKHIMOVA
OLGA VASSILEVICH
SARAH PIRES
SIMEON GRINBERG
VLADIMIR KLEMENTIEV

VIOLONCELOS
HELOISA MEIRELLES CONCERTINO
RODRIGO ANDRADE CONCERTINO
ADRIANA HOLTZ
BRÁULIO MARQUES LIMA
DOUGLAS KIER
JIN JOO DOH
MARIA LUÍSA CAMERON
MARIALBI TRISOLIO
REGINA VASCONCELLOS

CONTRABAIXOS
ANA VALÉRIA POLES SOLISTA
PEDRO GADELHA SOLISTA
MARCO DELESTRE CONCERTINO
MAX EBERT FILHO CONCERTINO
ALEXANDRE ROSA
ALMIR AMARANTE
CLÁUDIO TOREZAN
JEFFERSON COLLACICO
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS
GUSTAVO MOSCA**

HARPAS
LIUBA KLEVTSOVA SOLISTA

FLAUTAS
CLAUDIA NASCIMENTO SOLISTA
FABÍOLA ALVES PICCOLO
JOSÉ ANANIAS
SÁVIO ARAÚJO

OBOÉS
ARCÁDIO MINCZUK SOLISTA
JOEL GISIGER SOLISTA
NATAN ALBUQUERQUE JR. CORNE INGLÊS
PETER APPS
RICARDO BARBOSA

CLARINETES
OVANIR BUOSI SOLISTA
SÉRGIO BURGANI SOLISTA
NIVALDO ORSI CLARONE
DANIEL ROSAS REQUINTA
GIULIANO ROSAS

FAGOTES
ALEXANDRE SILVÉRIO SOLISTA
JOSÉ ARION LIÑAREZ SOLISTA
ROMEU RABELO CONTRAFAGOTE
FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS
LUIZ GARCIA SOLISTA
ANDRÉ GONÇALVES
JOSÉ COSTA FILHO
NIKOLAY GENOV
LUCIANO PEREIRA DO AMARAL
EDUARDO MINCZUK
ALYSSON ALVES**
GUILHERME MERIQUE**

TROMPETES
FERNANDO DISSENHA SOLISTA
ANTONIO CARLOS LOPES JR.* SOLISTA
MARCOS MOTTA UTILITY
MARCELO MATOS

TROMBONES
DARCIO GIANELLI SOLISTA
WAGNER POLISTCHUK SOLISTA
ALEX TARTAGLIA
FERNANDO CHIPOLETTI

TROMBONE BAIXO
DARRIN COLEMAN MILLING SOLISTA

TUBA
FILIPE QUEIRÓS SOLISTA

TÍMPANOS
ELIZABETH DEL GRANDE SOLISTA | EMÉRITA
RICARDO BOLOGNA SOLISTA

PERCUSSÃO
RICARDO RIGHINI 1ª PERCUSSÃO
ALFREDO LIMA
ARMANDO YAMADA
RUBÉN ZÚÑIGA

TECLADOS
OLGA KOPYLOVA SOLISTA

CONVIDADOS DESTE PROGRAMA
DANIEL MOREIRA VIOLINO
ANDREA CAMPOS VIOLINO
GERSON NONATO VIOLINO
RICARDO TAKAHASHI VIOLINO
FLÁVIO GERALDINI VIOLINO
CINDY FOLLY VIOLA
BRUN DE LUNA VIOLA
KIM BAK DINITZEN VIOLONCELO
DANIEL FILHO TROMPA
ERIC MOLINA TROMPETE

* CARGO INTERINO.
** ACADEMISTAS DA OSESP.
Os nomes estão relacionados em ordem alfabética, por categoria.
Informações sujeitas a alterações.

Fundação Osesp

PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PEDRO PULLEN PARENTE PRESIDENTE
STEFANO BRIDELLI VICE-PRESIDENTE
ANA CARLA ABRÃO COSTA
CÉLIA KOCHEN PARNES
CLAUDIA NASCIMENTO
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MÁRIO ENGLER PINTO JUNIOR
MÔNICA WALDVOGEL
NEY VASCONCELOS
PAULO CEZAR ARAGÃO
SÉRGIO GUSMÃO SUCHODOLSKI
TATYANA VASCONCELOS ARAUJO DE FREITAS

DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

SUPERINTENDENTE GERAL
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

+ www.fundação-osesp.art.br/equipe

Governo do Estado de São Paulo

GOVERNADOR
TARCÍSIO DE FREITAS

VICE-GOVERNADOR
FELICIO RAMUTH

SECRETARIA DA CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DE SÃO PAULO

SECRETÁRIA DE ESTADO
MARILIA MARTON

SECRETÁRIO EXECUTIVO
MARCELO HENRIQUE ASSIS

CHEFE DE GABINETE
DANIEL SCHEIBLICH RODRIGUES

COORDENADORA DA UNIDADE DE MONITORAMENTO DOS CONTRATOS DE GESTÃO
GISELA COLAÇO GERALDI

COORDENADOR DA UNIDADE DE DIFUSÃO CULTURAL, BIBLIOTECAS E LEITURA
DENNIS ALEXANDRE RODRIGUES DE OLIVEIRA

PRÓXIMOS CONCERTOS DA TEMPORADA OSESP NA SALA SÃO PAULO

11 JUN
STEVEN OSBORNE PIANO
Vingt Regards sur l'Enfant-Jésus, de Messiaen.

29 E 30 JUN
OSESP
THIERRY FISCHER REGENTE
STEPHEN HOUGH PIANO
Obras de Sibelius e Rachmaninov.

Agenda completa: **www.osesp.art.br/programacao**
Ingressos: **www.osesp.art.br/ingressos**

ALGUMAS DICAS PARA APROVEITAR AINDA MAIS A MÚSICA

Falando de Música
Em semanas de concertos sinfônicos, sempre às quintas-feiras, você encontra em nosso canal no YouTube um vídeo sobre o programa, com comentários de regentes, solistas e outros convidados especiais.

Entrada e saída da Sala de Concertos
Após o terceiro sinal, as portas da sala de concerto são fechadas. Quando for permitido entrar após o inicio do concerto, siga as instruções dos indicadores e ocupe rápida e silenciosamente o primeiro lugar vago. Precisando sair, faça-o discretamente, ciente de que não será possível retornar.

Silêncio
Uma das matérias-primas da música de concerto é o silêncio. Desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe para fazer comentários no intervalo entre as obras ou ao fim; evite tossir em excesso. A experiência na sala de concertos é coletiva, e essa é uma das belezas dela.

Gravações
Antes de a música começar e nos aplausos, fique à vontade para filmar e fotografar, mas registros não são permitidos durante a performance. Sempre que quiser recordar a música, visite nossas redes sociais.

Comidas e bebidas
O consumo **não** é permitido no interior da sala de concertos. Conheça nossas áreas destinadas a isso na Sala.

PRÓXIMOS CONCERTOS DA TEMPORADA OSESP NA SALA SÃO PAULO

28 MAI
JEAN-EFFLAM BAVOUZET PIANO
Recital com obras de Chopin, Debussy e Boulez

1, 2 E 3 JUN
OSESP
DAVID ROBERTSON REGENTE
Obras de Brett, Mahler e Beethoven

AGENDA COMPLETA: **WWW.OSESP.ART.BR/PROGRAMACAO**
INGRESSOS: **WWW.OSESP.ART.BR/INGRESSOS**

ALGUMAS DICAS PARA APROVEITAR AINDA MAIS A MÚSICA

Falando de Música
Em semanas de concertos sinfônicos, sempre às quintas-feiras, você encontra em nosso canal no YouTube um vídeo sobre o programa, com comentários de regentes, solistas e outros convidados especiais.

Entrada e saída da Sala de Concertos
Após o terceiro sinal, as portas da sala de concerto são fechadas. Quando for permitido entrar após o inicio do concerto, siga as instruções dos indicadores e ocupe rápida e silenciosamente o primeiro lugar vago. Precisando sair, faça-o discretamente, ciente de que não será possível retornar.

Silêncio
Uma das matérias-primas da música de concerto é o silêncio. Desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe para fazer comentários no intervalo entre as obras ou ao fim; evite tossir em excesso. A experiência na sala de concertos é coletiva, e essa é uma das belezas dela.

Gravações
Antes de a música começar e nos aplausos, fique à vontade para filmar e fotografar, mas registros não são permitidos durante a performance. Sempre que quiser recordar a música, visite nossas redes sociais.

Comidas e bebidas
O consumo **não** é permitido no interior da sala de concertos. Conheça nossas áreas destinadas a isso na Sala.

SERVIÇOS

Café da Sala
Tradicional ponto de encontro antes dos concertos e nos intervalos, localizado no Hall Principal, oferece cafés, doces, salgados e pratos rápidos em dias de eventos.

Cafeteria Lillas Pastia
Situada dentro da Loja Clássicos, oferece bebidas, salgados finos e confeitaria premiada.

Lojas Clássicos
Possui CDs, DVDs e livros de música clássica, oferece também uma seleção especial de publicações de outras artes, ficção, não-ficção e infanto-juvenis. Inclui uma seção de presentes e souvenirs.

Restaurante da Sala
Oferece almoço de segunda a sexta, das 12h às 15h, e jantar de acordo com o calendário de concertos — mediante reserva pelo telefone (11) 3325-9958 ou pelo e-mail ssp@8arte.com.br.

ACESSO À SALA

Estacionamento
Funcionamento diário, das 6h às 22h ou até o fim do evento. O bilhete é retirado na entrada e o pagamento deve ser efetuado em um dos dois caixas – no 1º subsolo ou no Hall Principal.

Reserva de Táxi | Área de Embarque e Desembarque
Agende sua corrida de volta para casa com a Use Táxi, no estande localizado no Boulevard. Há, ainda, uma área interna exclusiva para embarque e desembarque de passageiros, atendendo táxis ou carros particulares.

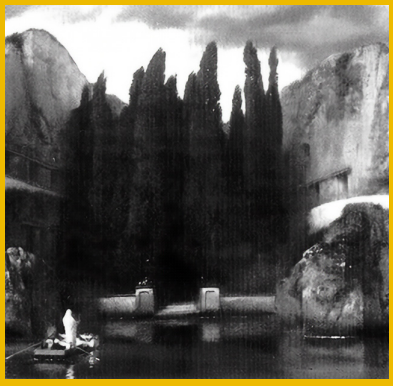
Acesso Estação Luz
Use a passagem direta que liga o estacionamento da Sala com a Plataforma 1 da CPTM, dentro da Estação Luz. Ela está aberta todos os dias, das 6h às 23h30. Garanta o seu bilhete previamente nos guichês da Estação ou pelo celular, usando o TOP – Aplicativo de Mobilidade, disponível na App Store e no Google Play.

CONFIRA HORÁRIOS DE FUNCIONAMENTO E OUTRAS INFORMAÇÕES EM:
WWW.SALASAOPAULO.ART.BR/SERVICOS

osesp.art.br
@osesp_
/osesp
/videososesp
@osesp
@osesp

salasaopaulo.art.br
@salasaopaulo_
/salasaopaulo
/salasaopaulodigital
/@salasaopaulo

fundacao-osesp.art.br
/company/fundacao-osesp/



Die Toteninsel [A Ilha dos Mortos], de Arnold Böcklin, 1884, inspiração do poema sinfônico de Rachmaninov.

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

SALA SÃO PAULO

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria de Cultura e Economia Criativa

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

PRONAC: 221688